

Tita começa por elogiar o silêncio da nova casa para que se mudou com o marido. A outra casa “era de dar em doidos” porque, garante Gui, o marido, “a Tita não suportava os aviões”. Para Tita, tanta aeronave a passar-lhes sobre a cabeça não podia fazer bem aos nervos de Gui. Até porque tinham visto um programa que dizia precisamente isso: “É um facto psicológico que aquele género de ruído é mau para os nervos”, recita. E foi isso que logo os encantou na nova moradia, quando primeiro foram até ao jardim e perceberam o silêncio à sua volta.

Facto importante, esse silêncio impressionou logo Frederico e Irene, filho e nora que são a bitola para o sucesso de Tita (Custódia Gallego) e Gui (Marques D’Aredes), com quem nem se atrevem a comparar, mas cuja aprovação é o máximo a que podem aspirar. “E eles são muito críticos, não é, Gui?”, pergunta Tita sem esperar resposta. “Têm padrões muito elevados, o Frederico saiu-se muito bem na vida.”

Só que, embora as personagens muito elogiem o silêncio, o silêncio é uma raridade em *Definitivamente as Bahamas*, peça que marca o regresso de Ricardo Neves-Neves aos textos do dramaturgo inglês Martin Crimp – com estreia no Cinetatro Louletano, em Loulé, de hoje a domingo. Na verdade, o silêncio é massacrado pelo discurso verborrêico de Tita e Gui, como se dele tivessem um medo profundo. O silêncio significa o vazio, significa a solidão a conquistar todo o espaço de um casal reformado nos “cinquenta e muitos” e “sessenta e poucos”. Não por acaso, têm por hóspede uma rapariga estrangeira (galega, nesta versão) a despedir-se da adolescência, à qual se agarram de forma quase desesperada para encher e dar sentidos aos seus dias.

“No início”, diz Ricardo Neves-Neves, “a mudança de casa deles fazia-me lembrar muito quando a Virginia Woolf saiu de Londres e foi para os subúrbios à procura de silêncio e isolamento. Lembrou-me esse lado patológico, a depressão escondida que depois se compensa – o que também é muito comum, compensar as fragilidades com o excesso de outra coisa.” Essa “outra coisa” corresponde aqui, com frequência, aos comentários sobre a vida de Frederico e Irene, discutindo sobre pormenores de pouca ou nenhuma relevância – se é um



Neves-Neves encena o medo do outro e do silêncio

Escrita por Martin Crimp nos anos 80, *Definitivamente as Bahamas* põe um casal de reformados a fugir ao silêncio e a tentar enganar a solidão. Pelo meio, xenofobia, misoginia e uma desconfiança do mundo. De hoje a domingo, estreia-se em Loulé.

Gonçalo Frota

alfalante ou um microfone aquilo para que se fala quando se toca à sua porta (e instalado na sequência de um assalto), se era para as Bahamas ou para as Canárias que os dois se preparavam para ir nessa fatídica data. Ou seja, mais uma forma de Tita e Gui gastarem alguns minutos do dia, numa sequência de dias em que os dois se alimentam das vidas à sua volta para preencherem as suas próprias desanimadas existências.

Afinal, quando “falamos de futuro”, nota Neves-Neves, estas personagens fazem-no “essencialmente sobre viagens, passeios e piscinas”. “São vulgaridades, não falam de nada profundo ou bonito, é sempre pela superfície.” E o futuro que perspectivam para si, fora daquela casa, é o de uma viagem, um fim-de-semana talvez na Holanda, mas só depois de Sabela (Cristina Gayoso Rey), a sua hóspede galega, partir. Porque Tita e Gui precisam de aproveitar enquanto Sabela está por ali, entretida a viver a sua vida, e eles entretidos a seguir-lhe os passos, a escutar-lhe os telefonemas, a imaginar-lhe os namorados.

Fim-de-semana holandês

De tempos a tempos, quando a disponibilidade lho permite, Ricardo Neves-Neves gosta de se entregar a uma actividade que consiste em ler duas peças de teatro por dia. Se possível, que o exercício possa estender-se durante alguns meses. Foi na última dessas maratonas de leituras teatrais que se cruzou com *Definitivamente as Bahamas* e sentiu, de imediato, “uma grande empatia pela peça – não só pelo conteúdo, pelos temas, mas pelo incorrecto”. Essa empatia, acrescenta o encenador, prende-se com “um género de atenção” que tem dado no seu percurso a uma relação de afecto nutrido pelos “maus”. “Gosto destas personagens, tenho simpatia por elas, mas as coisas que elas dizem...”, desabafa. E isto porque *Definitivamente as Bahamas*, escrita originalmente por Crimp para a rádio – daí também o ritmo acelerado, o horror ao silêncio –, engrena numa mudança de superficialidade e discurso frenético, mas não deixa de convocar umas quantas tiradas de fazer gelar o sangue. Mesmo se partilhadas com a ingenuidade e a inocência que Tita e Gui tratam suas falas.

Quando Tita e Gui discutem acerca de uma possível violação – foi um roubo, argumenta ele, mas

porque haveria o ladrão de atirar Irene ao chão se não houvesse “motivação sexual”?, contrapõe ela –, logo resvalam para considerações avulsas sobre o contexto do incidente acontecido nas Filipinas. Para reforçar o seu argumento, Tita cita uma conversa com Frederico em que o filho lhe terá dito que “está psicologicamente provado que tudo o que é asiático só quer é dormir com uma europeia”, ao passo que Gui dirá, mais tarde, mantendo a sua convicção de que “o móbil foi financeiro”, que “talvez lá no fundo, como qualquer outro homem, [o assaltante] estivesse a contar com posteriores desenvolvimentos”. E a xenofobia há-de alastrar a mais uma série de tiradas soltas e encharcadas em preconceito, dirigidas contra “mulçumânicos ou lá como é que se chamam”, enquanto a misoginia chegará graças ao comentário de Tita perante o uso de “gajo” numa frase – uma palavra que odeia porque lhe vem “sempre à ideia um certo tipo de mulheres”.

Escrita por Martin Crimp nos anos 80 – e espelhada duas décadas depois por *Play House*; enquanto *Definitivamente as Bahamas* é o texto de um homem de 30 anos a escrever sobre um casal nos sessenta, *Play House* é a escrita de um homem nos 50 sobre um casal nos 20 –, esta é uma peça que grassa nesse medo do outro, entrincheirada numa solidão que se fecha ao mundo. Das Filipinas, a Tita e Gui chegou-lhes a história de uma potencial violação, de Marrocos ouviram (será que ouviram mesmo, ou é aquele típico recurso a histórias-fantasma destinadas a “justificar” o preconceito?) falar em assaltos. Portanto, quando Sabela partir, o plano passa por um “fim-de-semana holandês que estava muito em conta” e que incluía uma “visita aos campos de tulipas”.

Um campo de tulipas como uma outra hipótese de paisagem de silêncio e que possa, talvez, servir para ser recordada e encher estes dias em que Tita e Gui mostram uma intimidade postiça e falam nervosamente, com medo do vazio, sim, mas também como se estivessem numa sistemática atitude defensiva, conscientes de estarem a ser julgados por um público que, na encenação de Neves-Neves, se senta a curta distância, como se lhes lançasse uma acusação constante. E os dois, sabendo-se em falta, enchem todo o espaço para que mais ninguém tenha, afinal, oportunidade de falar.